

JULES MARTIN : MAPAS LITOGRAFICOS DE SÃO PAULO

MATEUS PAVAN DE MOURA LEITE*

O impacto das técnicas de impressão e reprodução de imagens nas sociedades modernas tornou-se há tempos um importante tema de reflexão, como se vê pela obra de Walter Benjamin e seu célebre ensaio *A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica*, publicado na década de 1930. Sobretudo a partir dos estudos de Cultura Visual, entretanto, nota-se uma maior preocupação pelas formas e implicações cotidianas da imagem reprodutível, com especial atenção para as questões materiais envolvidas. Dialogando com este amplo cenário intelectual, a pesquisa na qual esta comunicação se insere tem buscado reunir as imagens produzidas pelo litógrafo francês Jules Martin, quem instala na década de 1870 uma das primeiras oficinas litográficas de São Paulo. Este personagem, que se envolveu intensamente com as dinâmicas urbanas da cidade e que ficou conhecido por ter sido o idealizador do Viaduto do Chá, foi um incansável produtor de imagens tão distintas entre si pelas suas formas, conteúdos e propósitos. Ele produziu retratos, vistas, partituras, revistas ilustradas, anúncios, cabeçalhos de carta, circulares, recibos comerciais... peças que apesar das diferenças se aproximam por compartilharem a litografia enquanto técnica produtora e sobretudo por possuírem um caráter público em comum. Em outros termos, elas são objetos produzidos em série com o objetivo de serem comprados, vistos e expostos ao maior número de pessoas possíveis.

Para além de ser o principal espaço de comercialização e circulação destas imagens, São Paulo destaca-se enquanto um de seus principais motivos visuais, mais especificamente a sua modernização. Observando-as enquanto conjunto, pode-se perceber que Martin se alinha a um discurso oficial de celebração do progresso. Entretanto, levando em consideração que este conjunto compreende uma grande variedade de gêneros visuais, como dito acima, e que cada um deles possui lógicas de produção próprias e dialoga com tradições e práticas mais alargadas, é importante que se estabeleça recortes de análise. Desta forma, a presente comunicação opta por investir em um olhar mais cuidadoso à produção cartográfica de Martin, a fim de reconhecer o que há de específico nestas formas de representação da cidade e

*

Mestrando no programa de História da Universidade Estadual de Campinas; bolsista FAPESP.



procurar investigar as estratégias comerciais de Martin de forma pormenorizada, com atenção ao próprio desenvolvimento da litografia e da cultura visual a que estes mapas estão atrelados.

Litografia e sua introdução no Brasil a partir da produção de mapas

Desde o princípio da sua consolidação enquanto prática comercial e ao longo de todo oitocentos, a litografia manteve profundas relações com a cartografia. Antes de introduzir os mapas produzidos por Martin, cumpre dar uma breve introdução a técnica e destacar alguns destes aspectos centrais que poderão então ser reconhecidos posteriormente em suas imagens.

A invenção da litografia está inserida em um amplo contexto de experimentações localizado entre o fim do século XVIII e o início do XIX, onde se buscou por formas mais baratas e rápidas de reprodução de imagens e textos¹. É neste cenário, em meio a tantos nomes já esquecidos e outros mais bem sucedidos como a gravura em madeira de topo e notadamente a fotografia, que a impressão litográfica surge. A sua principal distinção técnica em relação as outras formas de gravura foi não se basear em ranhuras ou relevo como tradicionalmente se fez, mas sim no princípio químico de repulsão entre a água e a gordura. Seu maior impacto, entretanto, não está apenas neste detalhe operacional, mas pelas implicações e possibilidades exploradas, pois aproveitando-se de sua versatilidade e baixo custo de produção, a litografia foi um dos meios pelos quais a reprodução de imagens no oitocentos pode atingir uma escala e um alcance até então desconhecidos.

As primeiras aplicações dela, ou ao menos o que motivou os experimentos de Alois Senefelder, buscavam estampar tecidos e reproduzir partituras, gênero no qual a técnica continuou a ser usada ao longo de todo século XIX. Entretanto, logo após a sua consolidação comercial por volta da década de 1820, se percebeu as potenciais vantagens que a aplicação da litografia traria para a produção de mapas. Eram duas as principais: 1) O fato de que os cartógrafos podiam desenhar diretamente o mapa sem obrigatoriamente precisarem de um gravador enquanto intermediário, pois poderiam fazê-lo através do papel autográfico ou até mesmo diretamente na pedra, o que de fato exigia alguma prática, mas nada tão especializado como a gravura em metal. 2) Ela permitia de maneira muito mais prática a alteração dos mapas, o que implicava por consequência na maior viabilidade em mantê-los atualizados, qualidade preciosa em um tempo de explorações e reviravoltas geopolíticas. A inserção de novos nomes ou correção de fronteiras também era possível na gravura em metal ou mesmo na madeira, mas muito mais dispendiosa do que a realizada com a litografia.

1

. TWYMAN, Michael. **Printing 1770-1970**. British Library : Reading University Press, 1998. pp. 18-35.

Como Munford colocou, no século XIX foram impressos mais mapas pelo processo litográfico do que por todos outros juntos nos quatro séculos anteriores². O que não implicou na imediata substituição das outras técnicas, pois as outras técnicas mantinham alguns nichos de atuação e também se colocavam dificuldades para a litografia. A autografia, isto é, a transposição do desenho do papel para a pedra, era pouco confiável até meados da metade do século e o tamanho da pedra necessário para a produção de mapas de larga escala era um grande obstáculo, não apenas pelo custo, mas pelas dificuldades de se trabalhar com elas. A calcografia em metal se manteve por longo período, mas reduzida progressivamente a um mercado elitizado de impressões de maior qualidade e detalhamento técnico, enquanto a xilogravura, por sua vez, permaneceu sendo utilizada para a impressão de mapas mais simples na imprensa.

A economia visual atrelada aos mapas litografados atendia a diferentes interesses, no que se dividem em grosso modo e sem considerar as sobreposições entre estas categorias, aos usos mais instrumentais por parte do poder público e empresas particulares, mas também a formas de consumo de caráter mais cotidiano. Sobretudo em relação a este último caso, que interessa particularmente à produção de Martin, é preciso levar em conta o fortalecimento ao longo do oitocentos do consumo de imagens enquanto uma prática acessível a diferentes estratos sociais. Incluíam-se aí os mapas e neste sentido, com a maior versatilidade e baixo custo permitido pelas novas técnicas de impressão, eles se tornam não apenas mais populares, como também se expandem significativamente seus gêneros, alterando assim os conteúdos, as formas e a própria aparência dos mapas.

Sem que se procure justificar o desenvolvimento da cartografia apenas com base nas técnicas gráficas de sua feitura, é possível reconhecer algumas implicações ou possibilidades exploradas através da litografia durante o século XIX. Brückner, analisando o mercado cartográfico estadunidense a partir da década de 1840, reconhece neste sentido duas principais mudanças: 1) A maior especialização dos mapas, que passam a representar campanhas militares, informações econômicas e demográficas, mudanças políticas/históricas, além de representações de aspectos regionais e microgeopolíticas. 2) Uma popularização dos encartes pictóricos, molduras decorativas e inserções de tabelas e detalhes textuais, todas elas práticas centenárias, mas que a cartografia litográfica teria levado a outro nível.³

2 .MUMFORD, Ian. Milestones in lithographed cartography from 1800. 1999. Tese de Doutorado. University of Reading.

3 .BRÜCKNER, Martin. The Lithographed Map in Philadelphia: Innovation, Imitation, and Antebellum

A produção de mapas no Brasil respondia sem dúvidas a outras necessidades em relação a produção estadunidense e europeia, mas compartilhava técnicas e formas, permanecendo assim a litografia como sua técnica predominante. Estes laços são ilustrados pela própria introdução da litografia no Brasil, que teria se dado através do *Arquivo Militar*, órgão criado em 1808 com o intuito de conservar os mapas do reino então trazidos de Portugal e também de reproduzir estes e novos mapas. Em 1825, sob ordem de Dom Pedro I, este próprio um litógrafo amador, mandou-se buscar na França um profissional para que a litografia fosse praticada e ensinada no Arquivo. O sujeito em questão foi o suíço Johann J. Steinmann (1740-1844), quem assinou um contrato generoso de cinco anos, após ter sido indicado por Joseph Knecht, sobrinho de Senefelder e um dos primeiros litógrafos estabelecidos na Europa.⁴

Mesmo que se reconheça que a introdução da litografia no Brasil fora consequência de um investimento oficial, que envolvia simultaneamente a segurança militar e reconhecimento territorial do país, é preciso fazer duas ressalvas. Em primeiro lugar, a impressão de mapas não era a única atividade da oficina litográfica do Arquivo Militar, pois além de se imprimirem estampas para livros e tratados de ciências, Steinmann obtivera autorização para vender impressões ao comércio local em benefício próprio. Em segundo lugar, mesmo com estes propósitos oficiais, os mapas produzidos no arquivo tornaram-se também objetos de consumo mais amplo. Uma resolução de 1829 determina que os melhores mapas topográficos, corográficos, geográficos e hidrográficos sejam distribuídos pelas províncias para serem expostos à venda. Medida que fora debatida e posteriormente aprovada pelos senadores após debaterem o grau de exatidão deles e questões de segurança nacional, que temiam ser ameaçada pela divulgação irrestrita de certos mapas.⁵ O que demonstra o caráter ambíguo desta produção que é simultaneamente instrumento militar, mas também recurso educativo e decoração.

O comércio doméstico de mapas não é exatamente uma novidade oitocentista, basta considerar em um exemplo a frequência com que eles são encontrados como itens decorativos nas pinturas holandeses do século XVII, questão trabalhada por Svetlana Alpers, quem explorou as afinidades entre a cartografia e pintura de então. Percebe-se, entretanto, uma intensificação na comercialização dos mapas ao longo do século XIX, de forma que eles

Consumer Culture. pp.147-149

4 FERREIRA, Orlando da Costa. *Imagem e letra*. EDUSP, 1994. pp.186 - 197

5 *Diário da Camara dos Senadores do Imperio do Brasil*, nº.40, 1829, pp.7-8.

passam a atingir um público mais amplo e a serem produzidos em formatos mais variados. Dois anúncios publicados no mesmo dia de 1825, além de demonstrarem que este primeiro mercado cartográfico brasileiro não se restringia a produção da oficina do Arquivo Militar, dão notícia destas diferentes formas de consumo. O primeiro é de certa *loja do Mineiro*, quem oferece, em meio a um vasto sortimento de tabaco, um mapa litografiado da baía do Rio de Janeiro.⁶ O segundo por sua vez anuncia dois itens, um mapa de grandes dimensões representando a América Meridional, “próprio para a decoração da sala”, e o atlas de John Pinkerton composto por 61 mapas modernos.⁷

Jules Martin, produção de mapas litografados de São Paulo

Se a princípio o Arquivo Militar era um dos únicos lugares onde se faziam litografias no Brasil, este comércio se desenvolveu progressivamente ao longo do século. Por volta de 1850, vários artistas e impressores estavam estabelecidos, com a produção voltada à imprensa, às artes e às diferentes necessidades do comércio. Entretanto, eles se concentravam todos no Rio de Janeiro, de forma que nas outras regiões a produção litográfica era ainda incipiente. Na província de São Paulo, à exceção de algumas iniciativas esporádicas, fora apenas com o estabelecimento de Martin em 1870 que se encontra um comércio do gênero.

Como fora apontado no início do texto, a produção litográfica de Martin era bastante multiforme, o que de fato era comum aos negócios do seu ramo. Ainda assim, logo os mapas aparecem com destaque dentre seus anúncios, com Martin ocupando diferentes funções na sua produção, ora apenas como impressor, mas também como desenhista ou editor. Sem acesso a informações comerciais da oficina, é impossível precisar qual era a relevância financeira da venda e produção de mapas na oficina de Martin. Alguns indícios, porém, parecem apontar que era um gênero importante, senão economicamente, ao menos como mostra do seu requinte técnico. Um primeiro sinal disto se dá ao perceber através do levantamento de seus anúncios pelos jornais paulistanos que os outros gêneros de impressão são normalmente anunciados enquanto parte de um serviço, isto é, algo a ser encomendado como os rótulos ou cartões de visita, ao passo que os mapas são especificamente nomeados. Outro indício são os momentos em que algum de seus mapas foi ressaltado como mostra da qualidade do seu trabalho, o que se percebe em alguns exemplos: na carta enviada à Secretaria de Estado dos

6 Diário do Rio de Janeiro, 18 jul. 1825.

7 Diário Mercantil, 18 jul. 1825.

Negócios do Império para requerer a mercê Imperial à oficina⁸; quando Martin presenteou Conde d'Eu e Dom Pedro II com um exemplar de luxo do mapa da cidade de SP em 1877⁹ ou pela medalha de prata recebida da *Académie nationale, agricole, manufacturière et commerciale* de Paris por um mapa da Província em 1883¹⁰.

A pesquisa levantou menções a cerca de 15 mapas com os quais Martin esteve envolvido. A maior parte deles está concentrada na década de 70, notadamente ao ano de 1877, e à exceção dos mapas da cidade de Santos e de Itatiba, eles representam a cidade ou a província de São Paulo. A primeira notícia encontrada referente a um deles é de 1873, quando se informou que Martin procurou negociar com o governo da província a impressão de mapas de Robert Alexander Habersham.¹¹ Cumpre ressaltar que este não era um mapa inédito, pois o levantamento do engenheiro é anterior a 1871¹². Deste, sabe-se que ele teria sido impresso por litografia e que também fora negociado com o governo, mas não se pode afirmar o envolvimento de Martin. Ainda que fosse o único litógrafo da cidade, deve-se considerar que era frequente que se mandassem imprimir imagens no Rio de Janeiro e até mesmo na Europa.¹³

De toda forma, é a partir deste levantamento de Habersham, o primeiro mapa atualizado da província no início da década de 1870, que Martin vai produzir as suas primeiras peças, três diferentes edições produzidas nos anos de 1875, 1876 e 1877. A *Carta Ilustrada da Província de São Paulo*, de 1875, é o primeiro mapa que foi amplamente noticiado e do qual se encontrou anúncios publicados por Martin. Os jornais destacam que este seria o mais minucioso mapa existente da província então, apontando que ele corrigia e completava diversos dados.¹⁴ Quanto a sua circulação, Martin o oferece a venda em dois formatos com um preço consideravelmente alto: em papel 12\$000 e em pano 18\$000¹⁵,

8 Documento 51, Códice 809 da coleção "Casa Real e Imperial – Mordomia-mor", v.3. Arquivo Nacional.

9 Província de S. Paulo, 17 jul. 1877

10 Província de S. Paulo, 20 nov. 1883

11 Diário de S. Paulo, 04 abr. 1873.

12 Diário de S. Paulo, 08 mar. 1871. Um mapa original de Habersham encontra-se na mapoteca da Biblioteca do Museu Paulista.

13 Este fora o caso do *Mappa Chorographico da Província de São Paulo* feito por Daniel Müller ainda em 1837 e litografado em Paris. Segundo Cavenaghi, ele foi a primeira forma oficial de representação e divulgação da imagem do território paulista. cf. CAVENAGHI, A. J. **Uma leitura cartográfica da História**. Projeto História. São Paulo, v. 26, 2003. p. 287.

14 . Província de S. Paulo, 27 jun. 1875.

15 . Como rápida referência aos valores: uma passagem de bonde em 1877 custava entre 200 e 400 réis. MARQUES, Abílio. **Indicador de S. Paulo para o ano de 1878**; Um pedreiro nesta década recebia 2\$000 réis por diária, um médico da prefeitura 100\$000 fixos mensais. OLIVEIRA, Maria L. **Entre a casa e o armazém**.

mencionando neste segundo caso que ela destina-se aos viajantes.¹⁶ Este mapa “primorosamente trabalhado” foi exposto na Exposição Provincial do mesmo ano, ao lado dos mapas de Habersham e C.Rath.¹⁷

No ano seguinte de 1876, o mesmo mapa foi vendido em formato encadernado sob o título *Guia dos viajantes na Província de S. Paulo* (fig.1), desta vez com o preço mais acessível de 5\$000. Assim como o mapa impresso em pano, o título deixa visível o destino comercial pretendido por Martin e o formato responde a esta pretensão, pois fechado ele tem a cômoda dimensão de 15,2 por 10,4 centímetros.

A
viagem
é um
fator
crucial
para a
produç
ão da
maiori
a dos
mapas
desta
época



Figura 1: *Guia dos Viajantes na Província de São Paulo/Nova Carta da Província de São Paulo*; Dimensões: 45,5x63cm. Coleção: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin

diretamente ligada à expansão ferroviária da província, que tematiza e também justifica a produção de vários deles, pois as companhias precisavam encomendar novos levantamentos geográficos a fim de construir as linhas. Neste mapa, além de indicar a topografia, os rios e as cidades da província, Martin delinea em vermelho com linha contínua as ferrovias construídas e em linhas pontilhadas as somente projetadas. Estas, atravessando todo o “terreno desconhecido” do noroeste do mapa em direção às províncias de Goyaz e Minas Geraes, são também um primeiro indício de um aspecto que vai se mostrar recorrente na

Alameda, 2005.

16 . Um exemplar em papel encontra-se catalogado na Biblioteca Nacional.

17 . Diário de S. Paulo, 28 julho 1875.

produção dos mapas e vistas de Martin que é a projeção de elementos futuros em suas imagens.

Martin produz em 1877 um último exemplar do mapa da província com base neste levantamento. É a “3ª edição corrigida, aumentada e ilustrada com 30 vistas dos principais edifícios da capital e de todas as estradas de ferro.”¹⁸ Cumpre ressaltar a associação que ele faz entre São Paulo capital e província, de forma que não apenas ilustra no canto superior direito uma vista da cidade como acontece no mapa anterior, mas passa também a destacar alguns estabelecimentos da mesma forma como fez neste mesmo ano com o mapa da cidade de São Paulo (fig.2). Também ao custo de 5\$000, ele afirma enviar a carta por correio sem qualquer custo adicional, o que presume o interesse por um mercado que extrapola a cidade de São Paulo.

Como se mencionou, a maior parte da produção cartográfica de Martin está localizada no ano de 1877 e todos eles reforçam o investimento de Martin na comercialização ao viajante¹⁹. Um importante fator para localizar esta produção neste momento é a recente conclusão do trajeto ferroviário entre São Paulo e Rio de Janeiro, o que afetou prática e simbolicamente a experiência urbana paulistana, e que também sugeriu uma maior clientela aos mapas, pois afinal se esperaria um maior fluxo de viajantes em direção a cidade.²⁰ A união das linhas tematizou diretamente o *Guia da Província de São Paulo* ou *Carteira-Mapa*, uma impressão em pano de pequenas dimensões representando exclusivamente as linhas férreas entre São Paulo e Rio de Janeiro. Assim como o outro mapa da província, ele é acompanhado de algumas ilustrações: nove vistas representando as estações. Mas, pelas descrições em seus anúncios, percebe-se que este mapa, enquanto um guia aos viajantes, tem preocupações mais utilitárias que o do ano anterior (fig.1). Com um custo reduzido de 2\$000, além de apresentar as linhas e as distâncias entre elas, traz a tabela de preços, os horários das viagens, assim como as referências dos principais hotéis das cidades.

A presença crescente da figura do viajante pela província de São Paulo é ilustrada por uma crônica publicada no Diário de São Paulo neste mesmo ano.²¹ Após o relato memorialista dos antigos tempos dos estudantes e da celebração dos progressos da província, o autor

18 . Diário de S.Paulo, 13 set. 1877; Província de S.Paulo, 10 nov. 1877.

19 É preciso ressaltar que não se trata apenas de um turista, mas sobretudo de alguém que vem à negócios ou em mudança.

20 É inclusive em razão de sua inauguração que Conde d’Eu desembarcou para a visita na cidade e recebeu a edição de luxo do mapa da cidade das mãos de Martin.

21 . Diário de São Paulo 30 dez. 1877

menciona o novo entroncamento das linhas e o tráfego crescente para afirmar muito orgulhoso de seu povo que o “viajante que tiver de percorrer a província de S. Paulo pode ter a certeza que por toda a parte encontrará o mais ameno trato e a mais fina cortesia”. Prossegue então com uma longa menção ao guia recém publicado por Martin, pois com ele no bolso o viajante não ignorará todos os detalhes do trajeto, nem os melhores hotéis para pernoitar.

Por certo, os mapas não eram exclusivamente dirigidos a quem vem de fora. Voltadas ao mercado interno, duas publicações dão excelente mostra de como os mapas se tornaram acessíveis e eram feitos em outros formatos. O primeiro deles é o *Almanack Litterario de São Paulo para 1878*, editado por José Maria Lisboa, que ao custo de 2\$000, trazia encartado um mapa da Província de São Paulo litografado por Martin. Trata-se de uma versão muito semelhante as cartas da província que ele editou, mas sem as cores e em menor dimensão. O segundo, por sua vez, é o *Indicador de S. Paulo para o ano de 1878*, publicação do mesmo gênero da anterior, mas que traz encartado três pequenos mapas em mesmo papel, desta vez representando a cidade, o município e a comarca de São Paulo.²² De forma avulsa, este mapa também poderia ser comprado no escritório da Província de São Paulo, na livraria de Garraux ou na oficina de Martin pelo valor de 2\$000 ou por 3\$000 em dois diferentes formatos: “dobrado em bonita cartonagem” ou “envernizado, para parede”,²³ sendo que os compradores tinham direito a um exemplar do *Indicador* quando ele estivesse pronto, sem qualquer custo adicional. Foram impressos mais de mil exemplares do *Indicador de São Paulo*, quantidade significativa para uma cidade com pouco mais de trinta mil habitantes, um sinal de grande alcance para este mapa.

Obedecendo a esta mesma oferta em três formatos, A. Garraux fazia concorrência a Martin ao colocar a venda um outro mapa da província de S. Paulo com base nos levantamentos do engenheiro C. Rath²⁴. Este mapa, porém, oferecia uma maior qualidade de impressão e tinha um custo mais restritivo. Produzido em Paris pela litografia de Lemercier, uma das mais importantes empresas do ramo, ele era vendido em folha simples por 5\$000, mas podia ser obtido “em folhas dobradas e elegantemente encadernado” por 6\$000, assim como “colado sobre pano e envernizado, com armação de madeira, para parede” por 10\$000.

Além deste, alguns mapas de outros autores também foram produzido ou comercializado neste período. Especificamente no ano de 1877 estão os da província de São

22 . Deste Martin foi apenas o impressor destes mapas, de forma que Abílio Marques, o próprio editor do almanaque, os delineou com base nos levantamentos de Carlos Rath e Fernando Albuquerque.

23 Província de S. Paulo, 20 nov. 1877.

24 Província de S. Paulo, 04 dez. 1877.

Paulo por Roberto Hirschrot²⁵ e o Mapa das linhas de ferro pelo Instituto Polytechnico de São Paulo.²⁶ É importante mencioná-los aqui não para desenvolver qualquer análise comparativa entre eles, mas para reafirmar o quanto a produção cartográfica de São Paulo passava por um momento de efervescência e constituição de um mercado, do qual Martin era um elemento importante, mas não isolado.

Mapas como representação do progresso.

Uma dimensão importante da produção dos mapas deste período e que está ausente da argumentação é o uso instrumental dos mapas, pois muitas intervenções urbanas e agrárias passavam a exigir levantamentos cartográficos para serem realizadas, destacadamente as construções de estradas e linhas férreas. Por outro lado, vê-se como estas intervenções são tematizadas e provocam uma enorme produção de mapas que alcança diretamente a população. Neste sentido, Ulpiano Meneses afirma que instrumentos como os mapas, que servem ao poder público e ao mercado também interessam ao “habitante, cuja experiência cotidiana do espaço urbano - quanto este começa a ficar mais amplo e complexo - se torna cada vez mais insuficiente e ele já não consegue dar conta senão de fragmentos dispersos.” Ele prossegue então, afirmando que “uma das razões do fascínio que os mapas urbanos exercem a partir do século XVIII é, precisamente, essa capacidade de síntese, de cristalização instantânea da diversidade, de inteligibilidade imediata do múltiplo.”²⁷

Percebe-se assim que os mapas atuam como meio de compreensão da realidade social e de constituição de imagens de um espaço vivido que tem se alterado de forma intensa nos últimos anos. Além da instalação das linhas ferroviárias, que é acompanhada de um maior fluxo de mercadorias e pessoas, a cidade de São Paulo viu serem inaugurados novos prédios e instalados novos serviços públicos como a iluminação à gás e o sistema de transporte coletivo nos anos precedentes. Neste cenário, os mapas agem como uma maneira de entender, metabolizar e até mesmo celebrar essa experiência de mudança, que era abertamente elogiada naquele período, como se lê no mesmo folhetim de jornal onde se mencionou anteriormente a *carteira-mapa* de Jules Martin:

25 . Diário de S. Paulo, 20 fev. 1877. No ano de 1875, ele publicou a *Karta da parte conhecida da Província de São Paulo*, que se encontra na Biblioteca Mario de Andrade. Ela pode ser vista em TIRAPELI, Percival; **São Paulo, artes e etnias**. São Paulo, Editora UNESP : Imprensa Oficial, 2007. p.109

26 . Diário de São Paulo, 25 dez. 1877.

27 . MENESES, Ulpiano. In: PASSOS, M.; EMÍDIO, T.; **Desenhando São Paulo**. Senac, 2009.

“Que terrível decepção quando com a mente cheia de que ainda se vai encontrar com o lugar de tantas venturas e prazeres, e que se espera ainda ler em cada parede, em cada muro, em cada pedra caracteres que a memória traz de cor, mas que a vista já não encontra, porque a uns o tempo destruiu e a outros o dedo do progresso mudou!?”(...)

Quando se encontra, porém, a mudança para melhor, e que em lugar de ruínas vem-se belas edificações, e em vez do silêncio o bulício de uma população ativa, que pressurosa atira-se a todos os meios de vida, que a enriquece e a torna independente, o sentir não é tão profundo, a saudade não é tão pungente. Há como que uma compensação e o espírito se tranquiliza na contemplação dos progressos da indústria (...)”²⁸

A produção de Martin é muito marcada por essa celebração do progresso e isto também está presente em seus mapas. Após ter procurado delinear rapidamente um mercado crescente de mapas produzidos sob diferentes formatos e propósitos, mas que são igualmente reproduzíveis e comercializados, este sentimento da modernização de São Paulo precisa ser levado em consideração para que se compreenda o lugar social dos mapas de Martin neste momento. Para tanto, apresentam-se mais dois exemplares produzidos por ele no ano de 1877.

O primeiro é reimpressão do mapa de 1810 feito por Rufino José Felizardo e Costa. Um mapa cartograficamente bastante rudimentar, mas que tem grande importância para a história da imagem de São Paulo. Ricardo Mendes afirma que ele é uma das imagens produzidas em série mais antigas da cidade,²⁹ e parece confirmá-lo o fato de que ele já havia sido reimpresso no ano de 1841, em versão atualizada e decorada pela vista de prédios públicos ao seu redor. Dentre os mapas produzidos por Martin, ele foi o mais barato até então. Podia ser adquirido pelo preço de 1\$000 ou ser levado gratuitamente por conta de uma promoção, caso se encomendasse um cento de cartões de visita ao custo de 3\$000.³⁰ Sinal de que por ser pequeno e fácil de ser produzido ele tivesse de fato um custo baixo, ou mesmo que talvez não tenha despertado tanto interesse na venda. O importante aqui, entretanto, é ter claro que Martin não procura mais atualizar este mapa, pelo contrário, a sua intenção é imprimi-lo justamente em seu estado original para evidenciar o caráter antigo da cidade em contraposição ao presente.³¹ Neste sentido, a sua publicação dialoga diretamente com a publicação de tantos

28 . Diário de São Paulo 30 dez. 1877

29 . MENDES, Ricardo. **São Paulo e suas imagens**. Cadernos de Fotografia Brasileira, IMS, (2): 381-487, 2004.

30 . Correio Paulistano, 01 dez. 1877.

31 . O que se torna ainda mais explícito posteriormente, quando Martin estampou este mapa de Rufino ao lado do mapa da cidade publicado em 1890.

outros novos mapas de São Paulo neste ano e em especial com a do *Mappa da capital da pcia. de São Paulo: seus edifícios públicos, hotéis, linhas férreas, igrejas, bonds, passeios,*



Figura 2: *Mappa da Capital da P.cia de S. Paulo. Seus Edifícios públicos, Hotéis, Linhas férreas, Igrejas, Bonds, Passeios, etc;* Dimensões: 72,0x52,0cm. Fonte: Biblioteca Nacional. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart168239/cart168239.htm

etc.(fig.2)

O mapa da capital fora noticiado antes mesmo de sua publicação, com recolhimento de assinaturas por 3\$000 e adiantando-se que estaria sendo feito à semelhança dos mapas parisienses.³² Trata-se evidentemente de um esforço para criar expectativa e atribuir ao mapa

valores modernos atrelando-o a Paris. Sem que seja mencionado qualquer mapa em específico, não é possível precisar se houve algum mapa que tenha servido de referência direta. Mas com uma rápida busca na produção cartográfica francesa, é possível encontrar mapas com características formais muito semelhantes ao longo de todo o século XIX. É o caso do *Nouveau Plan ou Guide de l'Étranger dans Marseille*, de 1842, com o qual Martin pode ter tido contato no momento em que vivia na cidade,³³ ou o *Le nouveau guide de l'étranger dans les 20 arrondissements de Paris*, lançado em 1876.³⁴

Como seu longo título descritivo enfatiza, trata-se de um mapa da cidade que se empenha em representar quase uma centena de prédios, localizando-os com ilustrações inseridas diretamente no plano das ruas, não apenas pelas laterais como se deu em algumas mapas anteriores. Impresso em cromolitografia em três cores, além do preto, o que exigia uma impressão para cada uma delas, as cores presentes não pretendem apresentar ou organizar melhor informações presentes no mapa. Delimitando as quadras, os rios e a arborização, elas prestam-se sobretudo a embelezar a gravura. Pela enorme quantidade de lugares representados é difícil determinar precisamente quais foram os critérios escolhidos por Martin para o que deveria ou não ser representado, mas pode-se apontar algumas escolhas. As referências são separadas em três grupos: o primeiro é dedicado exclusivamente às igrejas e conventos; o segundo se concentra no que é público, chafarizes, pontes, palácios, estações e o jardim; o último em estabelecimentos privados, dentre eles as redações dos jornais, os colégios, as lojas maçônicas e a própria oficina de Martin. Fazem parte destes pontos algumas referências antigas, parte de uma narrativa histórica da cidade dentre os quais pode-se destacar a Figueira do Braz, também conhecida como Figueira das Lágrimas. Entretanto, a ênfase está nas inaugurações mais recentes e na modernização que eles trazem a cidade. Não por acaso as fábricas são representadas com suas chaminés em operação e as recentes linhas de bonde são devidamente ilustradas em movimento, inclusive também marcadas em pontilhados que demonstram os trajetos que ainda iriam se inaugurar. Quanto aos detalhes arquitetônicos, alguns prédios novos como a Beneficência Portuguesa ou o Grande Hotel³⁵ tem dimensões levemente maiores que os outros, marcando o novo estilo que viria substituir de vez os

33 .MOSSY, L. *Nouveau Plan ou Guide de l'Étranger dans Marseille*. 1842; Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8440308h>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

34 .GAULTIER, J. *Gaultier. Le nouveau guide de l'étranger dans les 20 arrondissements de Paris*. 1876. Disponível em : <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b53085537p>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

35 O Grande Hotel está presente apenas na segunda edição do mapa, que é publicada logo no mês seguinte após a primeira, mas sob o custo de 5\$000. *Correio Paulistano*, 07 ago. 1877.

prédios em taipa de pilão.

As estações de trens não poderiam ser deixadas de fora e a do Norte recebe o maior destaque. Ela é acompanhada de uma legenda com a data de sua inauguração, o dia 08 de julho de 1877, mesmo mês da publicação do mapa. Neste sentido, duas observações evidenciam algumas ênfases dadas por Martin. Em relação a representação espacial, a estação é inserida em um quadro recortado, pois encontra-se fora dos limites do mapa. A opção feita foi não representar os limites da cidade e circunscrever São Paulo a uma área central, o que lhe possibilitou utilizar uma escala mais aproximada para dar destaque aos prédios representados. Em segundo lugar, ao demarcar a data de inauguração do prédio e também a do próprio mapa, especificando em seu subtítulo ter sido publicado no mês de julho de 1877, corrobora-se a ideia de que o mapa é feito com consciência temporal. Ao ressaltar tais datas, Martin enfatiza o quanto seu mapa é atualizado, ao mesmo tempo que ele e o leitor sabem e de certa forma esperam que logo o mapa se tornará ultrapassado. O que se confirma com um detalhe ilustrativo, pois a sua versão encadernada intitula-se *Lembrança de S. Paulo*³⁶. Indicando que ele também é registro histórico do estado da cidade e de seu progresso.

Após apresentar este conjunto de mapas produzidos por Martin, mostra-se que trabalhar com mapas tomando-os por imagens não se reduz a reconhecer o caráter pictórico deles, mas significa também encará-los enquanto objetos participantes de uma economia visual, com atenção particular ao caráter reprodutível e suas formas de circulação e consumo. Junto com outras formas de representação da imagem paulista, que se fortalecem sobretudo após a década de 60, quando fotógrafos como Militão passam a registrar a cidade e revistas ilustradas como o *Cabrião* ou o *Diabo Coxo* exploram visualmente seus debates, os mapas fazem parte de um cenário onde o viajante, o estrangeiro e o paulista passam a consumir diferentes representações deste lugar chamado São Paulo. O que de certa forma se dá pela primeira vez, considerando a escassez iconográfica da cidade na primeira metade do XIX.

Um caso desta forma de consumo literal e simbólica da imagem de São Paulo é o do mapa descrito no folhetim citado anteriormente. Presente em seu bolso, o viajante embarca em direção a cidade carregando consigo uma expectativa visual do que vai encontrar. Em outra situação, ele pode já na cidade comprar um exemplar para mostrar à família o que viu e manter uma imagem como lembrança do tempo em que lá esteve. São casos imaginários, mas plausíveis de experiências deste momento tão atrelado a segunda metade do oitocentos,

quando os mapas passam a ser consumidos cotidianamente de forma mais intensa, mas ainda mantém certa ideia de autoria, novidade e variedade. Percebe-se assim o mapa como uma representação visual, o que por vezes passa despercebido diante de seu uso instrumental. Assim como a paisagem ou a caricatura, eles são imagens impressas que visam ao consumo e circulação pública (nos mapas de bolso, nos almanaques, nas estampas penduradas na parede de casa, da escola ou do prédio público...) Todos eles participantes do complexo jogo que é a disputa pela constituição da imagem dos espaços vividos e dos espaços urbanos.

Bibliografia

- ALPERS, Svetlana. **A arte de descrever**. São Paulo: Edusp, 1999.
- BANN, Stephen. **A verdade em cartografia**. In: As Invenções da História. Ensaio sobre a representação do passado. São Paulo, Unesp, 1994.
- BRÜCKNER, Martin. **The Lithographed Map in Philadelphia: Innovation, Imitation, and Antebellum Consumer**. In : Winterthur Portfolio, Vol. 48, No. 2/3, Representations of Economy: Lithography in America from 1820 to 1860 (Summer/Autumn 2014), pp. 139-162.
- CAMPOS, Eudes. **São Paulo antigo: plantas da cidade**. Informativo Arquivo Histórico Municipal, 4 (20): set/out.2008.
- CARVALHO, Vânia Carneiro; LIMA, Solange Ferraz de. **Vistas urbanas, doces lembranças**. O Antigo e o moderno nos álbuns fotográficos comparativos. IN: PIRES, Francisco Murari (org.). Antigos e modernos: diálogos sobre a (escrita da) história. São Paulo, SP: Alameda, 2009.
- CAVENAGHI, Airton José. **O território paulista na iconografia oitocentista: mapas, desenhos e fotografias**. Análise de uma herança cotidiana. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, v. 14, n. 1, p. 195-241, 2006.
- CAVENAGHI, A. J. **Uma leitura cartográfica da História: a formação territorial da Província de São Paulo durante o século XIX**. Projeto História (PUCSP), São Paulo, v. 26, p. 285-303, 2003.
- COMISSÃO DO IV CENTENÁRIO DE CIDADE DE SÃO PAULO; **São Paulo antigo: plantas da cidade**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1954
- FERREIRA, Orlando da Costa. **Imagem e letra: introdução a bibliologia brasileira : a imagem gravada**. 2. ed. São Paulo, SP: EDUSP, 1994.
- GOUVÊA, José Paulo Neves. **Cidade do mapa: a produção do espaço de São Paulo através de suas representações cartográficas**. 2010. Dissertação (Mestrado em Tecnologia da Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010
- MENDES, Ricardo. **São Paulo e suas imagens**. Cadernos de Fotografia Brasileira, IMS, (2): 381-487, 2004.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **Fontes visuais, cultura visual, História visual: Balanço provisório, propostas cautelares**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 23, no 45, pp. 11-36 – jul. 2003.
- MUMFORD, Ian. **Milestones in lithographed cartography from 1800**. 1999. Tese de Doutorado. University of Reading.

PASSOS, Maria Lúcia Perrone; EMÍDIO, Teresa; **Desenhando São Paulo: mapas e literatura, 1877-1954**. Senac, 2009.

PICON, Antoine. **Nineteenth-Century Urban Cartography and the Scientific Ideal**: The Case of Paris. In: *Osiris*, 2nd Series, Vol. 18, Science and the City (2003), pp. 135-149.

TIRAPELI, Percival; **São Paulo, artes e etnias**. São Paulo, Editora UNESP : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

TWYMAN, Michael. **Printing 1770-1970**: an illustrated history of its development and uses